

PETER SLOTERDIJK E A TRADUÇÃO COMO *POIESIS*

Nelson Shuchmacher Endebo

A Rodrigo Petronio

It is not safe wading in unknown water
- Ditado britânico de marinheiros

A diferença no fazer consiste
Detectar extravios que sustentam
A exposição da cor numa redoma
E na palma da flor, uma se quebra,
outra se solve, solução em ar.
- Moacir Amâncio, *Óbvio*

...homo bulla...
- Varrão, *De re rustica*

O *magnum opus* de Peter Sloterdijk, a trilogia *Esferas*, constitui um dos mais notáveis e criativos desdobramentos da filosofia contemporânea, um engajamento profundo com a antropologia que, a despeito e por causa de seus muitos aspectos criticáveis, promete render muitos frutos nas décadas vindouras. Nele o pensador alemão desenvolve uma ousada teoria geral pré-conceitual, pré-racional, dos espaços habitados, concebidos não como pontos neutros em um grande mapa universal, mas como âmbitos provisórios, móveis, de construção do humano. O *estar-lançado-no-mundo* do qual falava Heidegger em sua conhecida analítica do *Dasein* não aparece, em Sloterdijk, como solidão situacional do ser, mas como um *coabitar-no-mundo*, um *não-estar-só*, um *Mitsein*. Mais ainda, não há *mundo* sobre o qual discutirmos sem antes elucidarmos o sentido e o valor relacional da preposição *no*. O homem é o animal que constitui esferas, isto é dizer, é aquele que se apropria do mundo, do não-próprio, de

modo que ele se torne habitável, que ele se torne *identificável como* mundo. O mundo, diz Sloterdijk, é um exterior [Außen] que comporta inúmeros mundos interiores. E habitá-los significa imunizá-los tecnicamente para que a pressão do indiferente Fora não estraçalhe as muralhas tecno-simbólicas e os arcos de ressonância psíquica das esferas, e o mundo se torne estranho, intolerável: inabitável. Eis a ontogênese da cultura segundo Sloterdijk.

Meu objetivo nesse ensaio nem de longe é resumir as quase 2.500 páginas da obra, escritas em uma língua híbrida, um alemão inexistente, segundo o próprio autor¹, tampouco salientar as múltiplas sendas desbravadas pela vasta perspectiva esferológica, que reúne quantas áreas do saber houverem, mas extrair, com a livre ingenuidade do intérprete diletante, algumas consequências possíveis do trabalho de Sloterdijk para uma poética da tradução. Em décadas recentes observamos um crescente interesse de pensadores e artistas tão díspares como W. G. Sebald, Vilém Flusser, Caroline Walker Bynum, Andreas Huyssen e Hans Ulrich Gumbrecht, para nomear alguns, pela materialidade dos objetos “culturais” e teorias de écfrase. Vimos também a multiplicação quase autogenética de leituras acerca da contribuição singular de Walter Benjamin para a compreensão da relação entre design e formas de vida humana. Ênfase no suporte material da literatura nos levaria a uma reconsideração para lá do valor epistemológico de discursos tomados concretamente, remetendo-nos aos *meios* de transmissão em relação aos conteúdos literários e suas funções efetivas na comunidade humana. Por isso, uma linha de investigação e julgamento da literatura há muito existente em forma embrionária, que reconhecia em outro plano teórico as divergências, por exemplo, entre a poesia oral e a poesia escrita, acha-se acolhida em uma esfera de compreensão consideravelmente mais ampla. Para Sloterdijk, mensagens, emissores, canais e línguas são conceitos fundamentais incompreendidos

¹ Ver SLOTERDIJK, P.; HEINRICHS, H.-J. *Die Sonne und der Tod. Dialogische Untersuchungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2002. p. 142.

de uma ciência geral da “visitabilidade de algo por meio de algo em algo”². Por essa razão é inoportuno separarmos a teoria dos *media* da esferologia, e nas próximas páginas eu partirei sempre dos planos nodais onde uma converge na outra, para interpretar a materialidade da *tradução* e do ato de traduzir, como eu os entendo em Sloterdijk.

O verbo *traduzir*, como se sabe, vem do latim, e é uma contração dos termos *trans*, através, com *ducere*, guiar, de onde vem nosso verbo “conduzir”. Traduzir é um levar para lá, um carregar-pelo-interior-de, é um portar algo para um outro lugar. Traduzir é cruzar um meio. Não é à toa que rios, mares, florestas e montanhas, termos médios fisicamente dados, constituíssem, ao longo dos milênios, fronteiras territoriais ou, mais pontualmente, imagens de mistérios intransponíveis, últimas metáforas. Assim Píndaro, na terceira *Ode Neméia*, cantava o mar intransitável além das Colunas de Hércules; e assim Herman Melville, séculos mais tarde, diria em *Moby Dick* que a imagem aniquiladora de Narciso nós vemos em todos os rios e oceanos. Evidentemente a leitura etimológica permanece pouco mais que uma intuição hermenêutica, embora uma que conserva grande poder figurativo na medida em que é sugestiva. Traduzir, em inglês, é *to translate*, isto é, efetuar uma translação, traslar. Aqui a carga sugestiva é mais intensa: traslar é “tomar parte em procissão”. Tanto aqui como ali cabe considerarmos a tradução em termos espaciais, indicativos de movimento: mobilidade de algo por meio de algo, em algo. Para onde vamos quando vamos aonde? Já há alguns séculos falamos em translação de uma esfera familiar, a Terra, designando-lhe o movimento em torno do Sol. Quantas palavras não poderíamos arrolar no léxico dos corpos móveis! Excêntrico, um vocábulo outrora específico aos geômetras, designa o orbitar irregular de tantos corpos celestes; excêntrico porém é Vilém Flusser ao vestir dois pares sobrepostos de óculos, ou James Joyce ao lançar-se ao chão ao som inclemente de trovoadas. A teoria das

² SLOTERDIJK, P. *Sphären I. Blasen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998. p. 31. Paráfrase minha.

esferas, se de fato não o revela, salienta-o: séculos de narrativas históricas, de *Kulturgeschichte*, serviram para mostrar que todos nós somos excêntricos, não no sentido psicologizante de um tipo burguês estrambótico ou extravagante, mas ontologicamente, pois não dispomos de centros construtores de sentido homogêneos, ou seja, vivemos em microesferas qualitativamente singulares. Não por acaso aconselha-nos Candide a cuidarmos, cada um, de nossos jardins. Isto não é resvalar em uma essencialização descabida do humano; é reconhecer que todos nós constituímos as primeiras esferas demarcando centros simbólicos gravitacionais diversos, historicamente mutáveis, com os quais estabelecemos relações de ressonância psíquica, e que viver em sociedade é aprender a negociá-los em esferas de outras amplitudes. O que não é o indivíduo contemporâneo senão a série de suas demarcações gravitacionais protegidas, incentivadas ou ameaçadas, pela chamada “esfera pública”?

Como os astros, somos corpos excêntricos. Herança de quando fomos poeira das estrelas? Morfologia é ontologia, parecem dizer-nos os poetas, do Tirésias de Ovídio ao lobisomem de Marie de France até Gregor Samsa. Aproximamo-nos de pontos arbitrários no mundo, estrelas, árvores, cidades, deuses; e tomando-os como centro, erguemos redomas, globos, esferas: o mundo que o homem habita. Para Sloterdijk, o grande uso dessa formulação não é tanto relativizar toda e qualquer experiência humana, quanto historicizar até o paroxismo a imagem do centro. Aqui é possível também inferir a controversa tese de que o Deus do monoteísmo é uma antropomorfização no nível mais básico que há, não porque fala, age, externa ironia, ira, severidade, mas, acima de tudo, porque é *formalmente* um centro, um núcleo. Esta forma porém não é exclusividade do monoteísmo e, sendo assim, lemos no *Satyricon* do pagão Petrônio: *ubique medius caelus est* (45.3)³. Aquilo que está em todo lugar está entre todas as coisas, e assim engentham-se as comunidades humanas, imunizadas em

³ “No meio de tudo há o céu”, em paráfrase.

uma esfera pela autoridade de uma totalidade unânime. A indiferença do vetusto firmamento é codificada, nomeada, e convertida em símbolo imunizador *por meio da técnica* (linguagem articulada, escrita, gesticular, etc.), e finalmente projetada para o Fora, que passamos a identificar com o símbolo e, com isso, assentamos acampamento. Aquilo que não era nada se torna *algo*. Como Heidegger havia aprendido com Hölderlin, nomear é fazer surgir um mundo. O alheamento do mundo, a estranheza do Fora não vazam desse modo para o interior da esfera, inundando-a, rompendo as suas paredes redondas. As grandes religiões, os grandes sistemas metafísicos, as identidades nacionais configuram, nessa leitura, poderosas tecnologias de imunização.

Martin Heidegger projeta suntuosas sombras sobre o inciso das *Esféras*. Dele sai a principal armadura referencial para os conceitos que Sloterdijk propõe, entre os quais o de técnica nos é o mais pertinente nessa ocasião. No contexto presente é de bom tom lembrar que a questão da técnica em Heidegger tem um caráter pessimista, do qual Sloterdijk, em que pese seu ceticismo, não compartilha, porque nele o problema do esquecimento do ser [Seinsvergessenheit] é desmistificado. Heidegger pensa a técnica como produção, como *Herstellen*, um colocar à frente, e como no latim *pro-ducere*, um trazer à frente, à tona, um ato de *hervorbringen*, o qual desvela a natureza oculta dos seres. Produzir é conjurar à clareira do ser aquilo que espreitava na densa floresta do possível. Dar o passo além indicado em *hervor* implica em êxtase, ek-stasis, o movimento excêntrico que revela o ser como ele é na medida em que se torna o que é. Produção é o sentido profundo de *poiesis*. Em Sloterdijk, o processo de formação do humano é a narrativa da criação de esferas, que são ambientes tecnicamente condicionados por seres extáticos, isto é, seres que são *constitutivamente* uma abertura para a alteridade. Portanto, aqueles aspectos que um dia pareceram escandalosos em Shakespeare, Rimbaud, Pessoa, Borges e outros grandes artistas, podem ser vislumbrados, a partir dessa perspectiva, como intuições heterodoxas e multiformes

de um realismo radical. O processo de individuação não está *inserido* no processo de esferização, mas se identifica com ele.

Viver a vida é produzir a vida: produzir a vida é erguer esferas onde habita o vivo. Essa é uma intuição bastante sensível de Sloterdijk, que pode ser retomada retrospectivamente. No dia 30 de agosto de 1611, John Donne escreveu a seu grande amigo Sir Henry Goodere: “[Croydon], Bedington, Chelsea, Highgate e minha familiar Peckham, são minha *circunferência*. E nenhum lugar me é mais *excêntrico* do que este em Londres, no qual me encontro.” A linguagem denuncia: para Donne, os lugares onde se sente acolhido (“minha *familiar* Peckham”) firmam-lhe uma esfera. E abandoná-la, como ele faz aqui, enviando a carta de Londres⁴, é estar fora do arbitrário centro, que Donne compreensivelmente não cuida de nomear. Lembremos também a primeira linha de *Massa e Poder*, de Elias Canetti: “Não há nada que o homem tema mais do que ser tocado pelo desconhecido”. Esferas são espaços climatizados por técnicas de impregnação simbólica do ar; são ambientes familiares, onde o estranho, o não-próprio, é incorporado por meio de uma *poiesis*. Mas o estranho incorporado pode também ser familiar *como estranheza*. No segundo volume de *Esferas*, no qual Sloterdijk desenvolve a narrativa da globalização como processo de macroesferização do mundo, esse tema é bem trabalhado no contraste entre as grandes navegações e viagens de trem. O advento das estradas de ferro teria fixado a simetria entre ir e voltar. Os destinos de ida e de volta estão conectados de tal modo, que qualquer jornada será sempre uniforme. Não há desvios. Em contrapartida, nas grandes navegações uma expedição era vista como *Hinfahrt*, um deslocamento com uma orientação não só direcional (*Hin*) como existencial. E se não houver volta de lá? Este modo de viagem é assimétrico, pois não há garantias de que a *Hinfahrt* venha a ser também uma *Rückfahrt*, uma viagem de retorno. O descobrimento da América foi um

⁴ Do ponto de vista da biografia de Donne, essa colocação é evidentemente problemática, já que Donne nasceu em Londres e conhecia bem a cidade quando escreveu a carta. Isso entretanto não compromete o argumento.

abandono historicamente revolucionário de uma esfera familiar para conquistar o desconhecido. E hoje, quando nós viajamos para outros países, por distantes que sejam, o fazemos dentro de uma esfera onde o desconhecido já foi indexado *como desconhecido*. A indústria do turismo opera a partir de uma apropriação global do não-próprio, promovendo simulações personalizadas daquela grande conquista do século XV. E isso se dá pois houve, nesse processo, uma transferência bem-sucedida de uma esfera para outra. Para pensarmos midiaticamente com Sloterdijk, podemos dizer que aqui o antigo contexto tornou-se texto, abrindo um novo contexto.

Em alemão, traduzir é *übersetzen*, um colocar-(palavras)-sobre-(palavras). *Übersetzung*, tradução, é empregada habitualmente em referência às traduções textuais. O próprio Sloterdijk discute o valor *dessa* tradução, a interlinguística, no arco narrativo das *Esferas*⁵. Mas há um segundo conceito a considerarmos: *Übertragung*. Essa palavra, que denota *transferência* e é empregada diversas vezes por Sloterdijk com esse sentido na descrição do processo esferológico, também pode designar tradução, mas não implica necessariamente palavras. Falamos de uma tradução entre seres. Podemos entupi-la de coisas, lugares, cores, formas, histórias, órgãos, costumes. Inclusive palavras. A história contada em *Esferas* é a narrativa das incontáveis traduções de relações de intimidade, de microesferas, em relações sociais, em símbolos, em rituais, em macroesferas. Em outras palavras, em cultura. A história do homem, a saga da hominização, não é outra coisa senão a série sem significado das capacidades desse estranho ser em traduzir a si próprio e ao ambiente, no esforço de inflar esferas cada vez mais adequadas para a habitação. A passagem do nomadismo para o sedentarismo é uma das grandes traduções de todos os tempos. *Poiesis* é tradução.

A tradução precede a escrita. O homem-tradutor, adentrando na sociedade das imagens técnicas prevista por Vilém Flusser, tem portanto um longo chão pela frente.

⁵ Ver o capítulo “Die letzte Kugel” em *Sphären II. Globen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999.

Teremos êxito nas traduções que virão, que nos exigirão esforços impensáveis, imaginação, coragem, sem nos prometerem a mais mínima virtude, o mais minguado conforto? O volume final de *Esferas*, provavelmente aquele que levará mais tempo para ser digerido, e aquele que contém o maior número de teses imprecisas, propõe uma crise do processo de tradução: no século XXI, já não viveríamos em um grande globo, mas em uma espessa espuma, formada de incontáveis bolhas empilhadas em montes disformes, em uma grande rede paradoxalmente incomunicável. As extremidades dos fios comunicantes, que outrora se tocavam e preparavam a migração de uma esfera à outra, parecem ter sido danificadas, quando não cortadas. Caminhos teriam se convertido em aporias. Resta a solidão de massa e o medo da morte. O tema entretanto parece ser tão antigo quanto o tempo. Luciano de Samósata, há dois mil anos, tratou dele em um magnífico diálogo entre Hermes e Caronte:

CARONTE: Quero agora, ó Hermes, dizer-te com que é que me parecem comparáveis os homens e toda a sua vida. Já viste alguma vez umas bolinhas na água, originadas pela queda impetuosa de uma torrente? Refiro-me àquelas bolhas de água donde se eleva uma espuma. Ora, algumas destas [bolhas] são muito pequenas, rebentam e desaparecem, enquanto outras se mantêm durante mais tempo, e então estas, pelo fato de outras [bolhas] se lhes juntarem, crescem, atingindo um volume muito grande, mas até mesmo essas acabam, mais tarde ou mais cedo, por rebentar... e nem poderia ser de outra maneira. Tal é a vida do homem: Todos são gerados por um certo sopro, uns por um [sopro] maior, outros por um [sopro] mais pequeno. Uns têm um sopro pouco duradouro e de morte rápida, enquanto outros, mal se formam, logo deixam de existir. Portanto, todos têm necessariamente de “rebentar”.⁶

⁶ Luciano de Samósata. *Luciano [IV]*. Trad. Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 135. Não deixa de ser curioso que Luciano seja usualmente considerado o primeiro autor de ficção científica, tendo descrito, em *Uma História Verdadeira*, uma viagem à lua. No futuro, uma história literária esferológica, se ela fizer sentido, haverá de considerá-lo como um autor canônico, indispensável.

Hermes é o deus das passagens, das sendas abertas ou fechadas, dos caminhos permitidos ou recusados. Walter F. Otto nos lembra: tudo aquilo que nos é dado, nós chamamos de um “presente de Hermes”. E Marc Froment-Meurice nos lembra⁷: para Platão, os poetas são os mensageiros dos deuses, mas sem eles nós não falaríamos sobre os deuses. Os deuses são invenções dos poetas e, por isso, seus próprios mensageiros. Os poetas inventam, na medida em que descobrem, *no caminho*, qual é a mensagem a anunciar. O caminho é tudo. O meio é tudo. A estrada é o entreposto onde reúnem-se o mensageiro, a mensagem e o deus. A poética da tradução em Sloterdijk é a poética dos meios. Por isso aporias se convertem em passagens. Por isso Barbara Cassin pôde editar seu admirável *Vocabulaire européen des philosophies: Dictionnaire des intraduisibles*. Por isso a poesia não acabou depois de Auschwitz, e o verso de Paul Celan, *Unlesbarkeit dieser Welt* (“ilegibilidade deste mundo”) não materializou-se como paranóia. Por isso a frase de Samuel Beckett, “errar novamente, errar melhor” não perde significância, fracasso após fracasso, desapontamento sobre desapontamento. O homem produz sentido na insuficiência, na precariedade. Vagando no útero do acaso, nutre-se da falta. Constrói suas esferas com o que tem, como pode. Mas jamais está sozinho. Sloterdijk escreve na introdução geral às *Esferas*, corrigindo jocosamente Wittgenstein: “os limites da minha capacidade de transferência são os limites do meu mundo”. Vive melhor quem traduz melhor. Não há absolutos que resolvam isto. Na poética de Sloterdijk, a Tradição Ocidental não passa de uma longa e atribulada Tradução Acidental.

Nelson Shuchmacher Endebo é formado em literaturas inglesa e alemã pela Portland State University, EUA, e foi pesquisador bolsista do DAAD na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, Alemanha. Vive no Rio de Janeiro.
E-mail: nendebo@gmail.com

⁷ Ver o primeiro capítulo de FROMENT-MEURICE, Marc. *C'est à dire: Poétiques de Heidegger*. Paris: Editions Galilée, 1996.